

**“MORTE DO EU, MORTE DO OUTRO”
NOTAS SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA MORTE
NA POESIA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO”**

Waltencir Alves de Oliveira (USP, UBM e UNIFOA)

A poesia de João Cabral de Melo Neto constitui uma das mais significativas produções literárias brasileiras do século XX. Uma poética perpassada por tensões insolúveis sustentadas pela reflexão apurada sobre o modo de dizer aliada ao dizer contundente e preciso. Embora haja em sua obra uma grande diversificação temática acompanhada da exploração de múltiplos recursos, oriundos de tradições culturais diferenciadas, sua poesia tem sido vista, exclusivamente, sob o signo da impessoalidade e do antilirismo.

Interessa apontar que grande parte da *Fortuna Crítica* do autor divide sua poética em duas vertentes: as “duas águas”. Essa segmentação, reconhecida e nomeada primeiro pelo próprio poeta, quando da publicação do volume homônimo à divisão, *Duas Águas*, de 1956, foi depois incorporada ao vocabulário crítico e jamais discutida em função das obras publicadas no decorrer dos anos 80 e início dos anos 90. Segundo o próprio poeta, esta divisão estabeleceria um corte em sua poesia entre os poemas feitos “*para leitura atenta e reflexiva*”, enfileirados na “primeira água”, e a “*poesia para largos auditórios*”, presente na “segunda água”. A divisão prontamente aceita pelos críticos foi entendida por Campos (1967, p. 88) como sendo ordenada por um critério temático-formal. Segundo ele a “primeira água” seria a dos poemas metalinguísticos, em que se nota o “*descasamento do objeto poético*”, e a “segunda” seria a dos poemas que “*põe a poesia, uma vez passada pelo crivo dessa crítica, a serviço da comunidade*”. A distinção de Campos não deixou também de, ao reconhecer a divisão, sustentá-la sobre um juízo valorativo que hierarquiza todo o fazer poético cabralino modulado pela reconsideração da linguagem como sendo superior à “*prestação de serviço à comunidade*”, no que a terminologia resguarda de depreciativo. O que faz supor que a “segunda água” seja o espaço de uma poesia menor e rebaixada.

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA II

O recorte de sua poesia em duas vertentes, a ausência de estudos que ressignifiquem os contornos de sua poesia a partir da leitura de seus livros posteriores a *Educação pela Pedra*, de 1969, somados a aceitação de que sua poética elegeu dois eixos temáticos centrais: o social e a metalinguagem. Tudo isso tem servido para obscurecer alguns aspectos importantes de sua poesia que ficam ou considerados parcialmente ou desconsiderados por completo.

Pretende-se aqui avaliar as mediações buscadas pelo poeta no tratamento de um tema específico que, mesmo que pontualmente abordado, necessita de uma leitura mais atenta e extensiva. Entre os temas privilegiados pelo poeta é possível incluir a reflexão sobre a morte como presença intermitente que atravessa toda sua poética. São vários os poemas, e muitas vezes livros inteiros, que assinalam a presença da “*indesejada das gentes*” como tema e motivação nuclear da poesia. Para restringir aos exemplos mais explícitos, é possível citar o livro *Morte e Vida Severina* e *Crime na Calle Relator*, além da série de poemas dedicados a cemitérios pernambucanos e espanhóis, no livro *Quaderna* e a peça teatral *Auto do Frade*, poema dedicado a Frei Caneca que se limita a registrar paixão e morte do personagem histórico de Pernambuco.

Importante afirmar, inicialmente, que a tematização da morte na obra parece diluir as fronteiras entre individual e coletivo, engrossando o coro dos versos de *Morte e Vida Severina* “*iguais em tudo e na vida,/morremos de morte igual*”. Isso é o que se pode observar, de forma paradigmática, na tessitura do poema “O Exorcismo”, de *Crime na Calle Relator*.

O Exorcismo

Madrid, novecentos e sessenta.
Aconselham-me o Grão-Doutor.
“Sei que escreve: poderei lê-lo?
Senão tudo, o que acha melhor.”
Na outra semana é a resposta.
“Por que tanto da morte escreve?”
Nunca da pessoal,
mas da morte social, do Nordeste.”
“Certo. Mas além do senhor,
muitos nordestinos escrevem.
Ouvi contar da sua região.
Já li algum livro de Freyre.
Seu descrever da morte é exorcismo,

seu discurso assim me parece:
é o pavor da morte, da sua,
que o faz falar da do Nordeste.”

O poema aponta que a intermitência do tema se deve a um desejo, explicitado por um “grão-doutor”, mas não absolutamente consciente do eu-poético, de exorcizar a própria morte, individual e intransferível, escamoteando-a através do registro do destino coletivo dos homens imersos em seu mesmo contexto social e histórico. O livro *Crime na Calle Relator* traz, desde o título, uma referência a um crime localizado em uma rua sevilhana. Somos tentados, então, a supor que se fará o relato de um ou mais crimes ocorridos neste espaço demarcado. Apesar disso o que temos no livro é um conjunto de poemas narrativos, cujos temas aparentemente estão isolados e procuram recriar “*casos e histórias*” reais, contadas ao poeta ou vividas por ele, conforme atesta Oliveira (1994, p. 23).

Escrito no Porto, embora não faça a menor referência a momentos de grande aflição, *Crime na Calle Relator* é publicado em 1987 aqui no Rio. É surpreendente que, em nenhum momento, transpareça qualquer coisa de um período tão difícil. O livro é uma experiência com o poema narrativo, sem usar a técnica do romanceiro. Todos os fatos narrados são reais, contados por outrem ou de que participou anos e anos atrás.

A impessoalidade, tão reforçada pela crítica nas análises da poética cabralina produzidas até os anos 70, parece ceder espaço para uma poesia que continua pautada pela contenção e pelo rigor formal, mas não se furta a evidenciar a presença do sujeito poético nem de tematizar o universo prosaico dos fatos cotidianos. O próprio poema que abre o livro *Crime na Calle Relator*, e lhe é homônimo, apresenta um relato aparentemente corriqueiro e banal, apesar de apresentar um crime difícil de ser qualificado.

Crime na Calle Relator

Achas que matei minha avó?
O doutor a noite me disse:
ela não passa desta noite;
melhor para ela, tranquilize-se.

À meia-noite ela acordou;
não de todo, a sede somente;
e pediu: *Dáme pronto, hijita,*
uma poquita de aguardiente.

Eu tinha só dezesseis anos;

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA II

só, em casa com a irmã pequena:
como poder não atender
a ordem da avó de noventa?

Já vi gente ressuscitar
com simples gole de cachaça
e *arrancarse por bulerías*
gente da mais encorujada.

E mais: se o doutor já dissera
que da noite não passaria
por que negar uma vontade
que a um condenado se faria?

Fui a esse bar do Pumarejo
quase esquina de San Luís;
comprei de fiado uma garrafa
de aguardente (*cazzala* e anís)

que lhe dei cuidadosamente
como uma porção de farmácia,
medida como uma poção,
como não se mede a cachaça;

que lhe dei com colher de chá
como remédio de farmácia:
Hijita, bebí lo bastante,
Disse com ar de comungada.

Logo então voltou a dormir
sorrindo em si como beata,
um semi-sorriso de *gracias*
aos santos óleos da garrafa.

De manhã acordou já morta,
e embora fria e de madeira,
tinha o riso ainda
que a aguardente lhe acendera.

O poema apresenta um tom narrativo evidenciado desde o primeiro verso: uma indagação que interpela o leitor. Acentuando este tom narrativo temos o prosaísmo do texto, repleto de diálogos e de marcadores conversacionais que vão reafirmando o seu caráter oral e pontuando a progressão temporal da narrativa (“*À meia-noite*”; “*Eu tinha só dezesseis anos*”; “*Já vi*”; “*E mais*”; “*Logo então*”; “*De manhã*”).

O intervalo de tempo total da narrativa inscrita no poema é igual à passagem de uma noite completa até a manhã, período em que se perfaz o processo de caminhar da vida para a morte. O relato que deveria ser revestido de um caráter agônico – trata-se da última noite da avó de uma moça sozinha – assume, no entanto, um tom redentor, uma vez que é concedida à avó uma morte tranqüila e “*sorrisidente*”.

A indagação inicial apresentaria o poema como a confissão de um crime. A seqüência dos fatos permite avaliar e julgar o crime especulado: uma possível eutanásia, ou, nada mais, do que a assistência aos instantes finais de agonia, em que se concede à moribunda o seu último desejo. A dubiedade do relato, garantida, até mesmo pela possível inocência da menina, é a todo tempo preservada. Até mesmo a aguardente é convertida em remédio e em extrema-unção, último ritual de um credo que garante boa-morte e salvação à agonizante.

Confere-se à aguardente um duplo caráter: é remédio do corpo e lenitivo da alma, no instante de eles se desprenderem: “*como remédio de farmácia*”/ “*disse com ar de comungada*”. Ou seja, a cachaca – ao mesmo tempo água e ardente – é o foco de toda ambigüidade do poema: se ela for considerada um remédio – que acena com a possibilidade de restabelecimento, conforme apresenta a quarta estrofe – não há como negar à menina sua absolvição do crime; caso seja vista como última comunhão, temos um gesto premeditado de precipitar a morte da avó.

Não se pode deixar de mencionar que neta e avó – literalmente – não falam a mesma língua, sinalizando um descompasso, acentuado pela condição delas oposta em todos os aspectos. Uma se encontra na puberdade, “*tinha só dezesseis anos*”, a outra estava no estágio final da vida, noventa anos. Afora isso, a relação de respeito e primazia que parece respeitada, uma vez que a menina não se sentiu apta a desacatar a ordem da avó, é subvertida, conferindo a mais nova o poder decisório de prolongar ou encurtar a vida. Isto é reforçado, ainda, pela própria ação da moça, ou médica-enfermeira que aplica o remédio curador ou sacerdotisa que ministra a extrema-unção. Em ambas as acepções fica assegurada a ela uma posição hierárquica superior à da avó, em um claro sinal de que a morte subjuga a ordem da vida e a transpõe. Importa ainda perceber que o poder da

ANÁLISE E CRÍTICA LITERÁRIA II

moça advém de uma garrafa cujo conteúdo mágico e transformador assume as feições de poção. Villaça (1996, p. 169) aponta em relação ao poema que

O ressaltante realismo de “embora fria e de madeira” (atento ao quadro materialista da morte física) é, por sua vez, ressaltado pelo “riso ainda/ que a aguardente lhe acendera” (expressão na qual a química da cachaça eleva-se ao símbolo do *acender* : calor e luz conservados): donde o réquiem iluminado por um intrigante sentido de triunfo.

Conforme se pode observar, preserva-se em cada traço do poema um sentido fronteiro entre morte e vida, do mesmo modo como morte e vida estão em tensão insolúvel e perene em um poema como *Morte e Vida Severina*, aqui também na face da morte fez-se antever a vida, conservada pela cachaça e nutrida por ela. E essa conjugação entre a frieza geométrica da utilização crítica da linguagem (“fria e de madeira”) e o oferecimento dessa mesma linguagem para a tematização do outro e da subjetividade, ainda que contida, está na base do que Alcides Villaça nomeou de limite e expansão da poesia cabralina. Para ele, há na obra do poeta um constante entrechoque entre dois pólos, corroborando, ao meu ver, com a idéia de que seria impossível a divisão de sua poesia em duas vertentes, mas sim a aceitação de que a tensão de sua poesia resulta, justamente, de um diálogo constante e entranhado em cada texto ou livro. Importa, ainda mencionar, que Alcides Villaça reforça essa idéia indicando que o choque constante entre morte e vida seria um dos pilares dessa “*fronteira recortada*” entre os movimentos antagônicos da poética cabralina.

Constata-se, assim, uma problemática representação da realidade na obra de João Cabral, que, primeiro, impôs a “*depuração da linguagem*”, impeliu a poesia a assumir um comprometimento ético na incorporação do regional e convocou, por último, o autobiográfico, a tomada de posição do sujeito, que não cedeu a ela de forma passiva, mas a matizou através de um hábil exercício que conjugou o eu ao coletivo.

Morin (1970) indica que a representação da morte no ocidente assinala uma complexa articulação entre as noções de indivíduo e de espécie, ao apontar que a aceitação, “*domesticação*”, da morte natural pelo indivíduo está fortemente relacionada com a sobrevivência, ou renascimento, dele na espécie preservada, garantindo uma conti-

nuidade na descontinuidade. Essa conjunção me parece muito significativa para analisar uma poesia que já assinalou que “*é o pavor da morte, da sua / que o faz falar da do Nordeste*”, indicando que há uma ponte entre a morte social, tão bem descrita em seus vários matizes em *Morte e Vida Severina*, e a morte do eu. Ou seja a carga negativa da própria morte não parece encontrar meios de ser atenuada pela idéia de continuação da espécie, a todo momento, perturbada pela iminência de uma “*ave-bala*” ou pela inclemência da fome que a tudo corrói e contamina. E se a morte intermitente do outro, do social/ coletivo, é o ruído constante que impede a sobrevivência da espécie, ela é também o tema recorrente que obriga a ocultação do individual no coletivo e a impossibilidade de recortar as fronteiras que separam o eu do nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Haroldo: O geômetra engajado. *Metalinguagem*. Petrópolis: Vozes. 1967.

MEYER, Marlyse. Mortes Severinas. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1992.

MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

OLIVEIRA, Marly de. Breve Introdução a uma leitura de sua obra. **In:** MELO NETO, João Cabral de: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

VILLAÇA, Alcides. Expansão e limite na poesia de João Cabral. **In:** BOSI, Alfredo (org.): *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática. 1996.

MORIN, Edgar: *L’homme et la mort*. Paris: Seuil. 1970.